RESENHA

COSTA, Edimilson. **A globalização e o capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.



Lucas Gama Lima
Doutorando do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGEO/UFS).
Membro do Grupo de Pesquisa Estado, capital, trabalho e
as políticas de (re)ordenamento territorial (GPECT/UFS)
Email: lucasaelima@yahoo.com.br

O opúsculo de Edmilson é uma excelente análise das novas transformações do capitalismo em sua fase imperialista. Resultado de sua pesquisa de Pós-Doutorado delineia com perspicácia o processo de acumulação, concentração e centralização do capital intensificados com a globalização da produção e das finanças.

A obra com 216 páginas foi dividida em 5 capítulos que, articuladamente, buscam descortinar o capitalismo contemporâneo – sob a globalização do capital –argumentando que na atual quadra histórica, o capitalismo assumiu uma nova fase imperialista, balizado pela capacidade do capital em promover a produção, o autofinanciamento e a realização do valor em escala internacional.

Inicia-se com a exposição dos diferentes entendimentos sobre a globalização. A primeira vertente de análise é empreendida pelos apologistas da globalização que a definem como o aprofundamento da disposição mercantil humana. Afirmam eles que desde os primórdios da humanidade o homem estabelece sua relação por meio da troca, nesse sentido, a globalização propicia a generalização das trocas e o exercício livre dos desejos – considerados naturais - dos indivíduos.

A segunda vertente de análise é empreendida por pensadores que acreditam ser a globalização um mito. Ou melhor, uma tentativa dissimulada dos exegetas do capitalismo de ocultar a exploração das multinacionais sobre os países periféricos, as investidas contra o Estado (o Estado mínimo) e persistências das desigualdades sociais. Dessa forma afirmam contundentemente que a globalização não existe, mesmo porque, em suas opiniões, os fluxos de investimento e as transações comerciais na atualidade são inferiores àqueles realizados entre o final do século XIX e início do século XX.

A terceira vertente escora-se na idéia de uma globalização iniciada há séculos atrás durante as navegações marítimas, ou mesmo para alguns, durante as viagens de Marco Pólo aos países asiáticos, e aprofundada no século XX. Associam a globalização ao imperialismo, afirmando que a mesma, desde seus primórdios, contribuiu para o processo de exploração dos povos.

O autor da presente obra, matizado por uma análise materialista histórica dialética, apresenta a globalização como síntese das transformações que atravessou o capitalismo monopolista imperialista com a internacionalização da produção e das finanças, no último quartel do século XX. Reconhece que a globalização concorre para formar uma consciência coletiva de uma suposta homogeneidade entre os países e legitimar a redução do Estado. Porém, discorda que a globalização detenha somente um viés ideológico, uma vez que a globalização, correspondendo ao período da mundialização do capital, é inevitavelmente objetiva.

Analisa que até a década de 1950 o modo de produção capitalista, apesar de hegemônico, era parcialmente completo, ou seja, não havia um controle mundial sobre o ciclo internacional do capital e apenas o comércio e a exportação do capital regiam o processo de expansão capitalista. Com a internacionalização da produção capitalista somente alcançada a partir da década de 1950, o capitalista continuava obtendo a realização do valor da mercadoria em outros países por meio da circulação, mas, intensificava a captura da mais-valia dos trabalhadores estrangeiros. Isso significa que a internacionalização da produção desbravou o globo terrestre, permitindo ao capitalista expandir e generalizar as relações de trabalho sob o capital com os deslocamentos das unidades produtivas (matriz ou filiais) guiadas pelas vantagens localizacionais (especialmente, as desigualdades regionais do valor da força de trabalho).

Assim, demonstra que internacionalização da produção capitalista tornou-se um esteio para o posterior desenvolvimento das transações financeiras, uma vez que a globalização da produção credenciou a burguesia mundial a explorar o conjunto da classe trabalhadora mundial, acumulando capitais numa escala sem precedentes.

As transnacionalizações das corporações produtivas impulsionaram as internacionalizações bancárias, uma vez que estas, através de empréstimos e financiamentos, já sustentavam a expansão internacional das primeiras. O fim dos acordos de Bretton Woods (a paridade ouro-dólar) em meados da década de 1970 e, em seguida, o aumento estratosférico da taxa de juros promovido pelo governo norte-americano forjou um cenário de forte instabilidade econômica internacional, tornando as economias periféricas bastante vulneráveis. Neste momento há um *boom* no processo de internacionalização dos bancos, com a abertura de filiais em vários países, buscando conceder empréstimos aos estados nacionais. Os bancos consideravam a compra de títulos da dívida soberana dos estados um investimento mais seguro que os empréstimos concedidos às corporações transnacionais (que já encontravam dificuldade de pagamento de suas dívidas, pois havia uma superprodução relativa de mercadorias) e, dessa forma, consolidaram-se como intermediadores principais das finanças mundiais e privatizaram a liquidez internacional.

Costa explica que a internacionalização da produção e a internacionalização bancária produziram a globalização. A globalização representa um salto de qualidade no capitalismo monopolista, constituindo-se numa nova fase do imperialismo mundial, ancorada na revolução das tecnologias de informação, na reestruturação produtiva e na predominância do capital financeiro sobre o conjunto da economia mundial.

As tecnologias de informação foram imprescindíveis para a consecução da internacionalização da produção e das finanças, sendo que seu papel, na atual globalização, é servir como suporte crucial das transações comerciais e dos fluxos de investimento. Funcionando como uma espécie de espinha medular do capitalismo financeirizado permitiu, pela primeira vez desde o surgimento do capitalismo, a compressão do espaço-tempo para a obtenção de lucros durante as 24 horas do dia.

A reestruturação produtiva somente foi possível com os avanços da técnica e da tecnologia que permitiram o aumento da produtividade capitalista e um maior controle sobre o processo de produção, de modo a evitar grandes excedentes. A reestruturação produtiva em escala internacional resultou na taxa de exploração sobre o trabalho e no aumento da vulnerabilidade do trabalhador – sobretudo porque veio acompanhada do desmonte da rede de proteção social.

O capital financeiro, embora de existência anterior ao processo de globalização, objeto deste livro, assume no capitalismo contemporâneo globalizado uma dimensão que o faz hegemonizar o direcionamento dos investimentos capitalistas. Nesse sentido na globalização da produção e das finanças as atividades destas últimas exercem um papel decisivo sobre a primeira. As dificuldades

de realização do valor da mercadoria, a internacionalização bancária e a formação de um circuito integrado, embora desigual e conflituoso em escala mundial, permitiram aos capitalistas deslocarem parte de sua mais-valia para a esfera financeira (diminuindo as taxas de acumulação), buscando o lucro fácil e rápido.

Conclui afirmando que essas são as condições em que se desenvolve o capitalismo globalizado, inaugurando uma nova fase do imperialismo, que suscita a formação de novos blocos econômicos regionais comandados pelo capital, em busca da partilha mundial, e um incremento no processo de fusões e aquisições que ressignificam os investimentos externos diretos. Porém, ressalta com bastante eloqüência que essa globalização da produção e das finanças se realiza sob um horizonte histórico mais estreito, diante das dificuldades do capital para a realização do valor.